

GIZINHA: ROMANCE DA BELLE ÉPOQUE POTIGUAR

Lindalva Rocha Vilera • Graduada em Letras-Português da Universidade Potiguar. PET - Capes. E-mail: lindalvarocha.pet@hotmail.com

Liliane Taise Tavares • Graduada em Letras-Português da Universidade Potiguar. PET - Capes. E-mail: lilianetaise23@hotmail.com

Conceição Flores • Doutora em História da Educação. Professora de Literatura da Universidade Potiguar e Tutora do Programa de Educação Tutorial de Literatura do RN /Capes. E-mail: Florescflores@natal.digi.com.br

Envio em: Agosto de 2012

Aceite em: Novembro de 2012

Resumo: O objeto de pesquisa deste trabalho é o romance *Gizinha* de Polycarpo Feitosa, pseudônimo de Antônio José de Melo e Sousa. O autor nasceu dia 24 de dezembro de 1867, em Papari, hoje Nísia Floresta, e exerceu vários cargos públicos, tendo sido governador do Estado por dois mandatos. Participou da vida intelectual de Natal, assinando com vários pseudônimos como Polycarpo Feitosa, Lulu Capeta, Francisco Macambira. Publicou cinco romances, entre eles, *Flor de Sertão*, em 1928, *Gizinha*, em 1930, e *Alma Bravia*, em 1934. O autor era celibatário e discreto em suas atitudes, mas, no romance em estudo, revela conhecer bem a vida social de Natal, que serve como pano de fundo para o desenrolar das ações de Gizinha, protagonista do romance. Passado durante a *Belle Époque*, período marcado pela influência da cultura francesa, a narrativa conta como a jovem, filha de família burguesa de Natal, se move na sociedade natalense. Ela é uma melindrosa, veste-se seguindo os modelos das revistas francesas e suas roupas, curtas e transparentes, provocam escândalo na provinciana Natal. A jovem adora dançar nos bailes as músicas estrangeiras da moda e os mais velhos comentam essas ousadias. O objetivo deste trabalho é analisar os elementos estruturais do romance, narrador, personagem e tempo, e temáticos, educação e família, a fim de mostrar como o comportamento da protagonista, aparentemente transgressor, segue os padrões da sociedade patriarcal dos anos 1920.

Palavras-chave: Gizinha. *Belle Époque*. Elementos estruturais.

GIZINHA: NOVEL THE BELLE ÉPOQUE POTIGUAR

Abstract: The research object of this work is the novel *Gizinha* of Polycarpo Feitosa, pseudonym of Antonio José de Melo e Sousa. The author was born on December 24, 1867, in Papari, today Nísia Floresta, and held various public offices and was governor of the state for two terms. He participated in the intellectual life of the city of Natal in signing with various pseudonyms like Polycarpo Feitosa, Lulu Capeta, and Francisco Macambira. He has published five novels, among them blossom Hinterland in 1928 *Gizinha* in 1930, and *Alma Bravia* in 1934. The author was celibate and discreet in their attitudes, but in the novel study reveals familiar with the social life of Natal, which serves as a backdrop for the unfolding of the shares *Gizinha*, protagonist of the novel. Set during the *Belle Époque*, a period marked by the influence of French culture, the narrative tells how *Gizinha* the young daughter of a

bourgeois family, moves society in the city of Natal. She is a flapper, dresses following the models of French magazines and clothes, short and transparent, cause scandal in the provincial city of Natal. She loves to dance in dances songs foreign fashion and the oldest such daring comment. The objective of this paper is to analyze the structural elements of the novel, the narrator, character and time, and thematic, education and family in order to show how the behavior of the protagonist, apparently offender, follows the standards of the patriarchal society of the 1920s.

Keywords: Gizinha. Belle Époque. Structural elements.

Neste trabalho analisamos os elementos estruturais do romance, relacionando-os com a educação e família em *Gizinha*, obra de Antônio José de Melo e Sousa, publicada sob o pseudônimo de Polycarpo Feitosa. O autor – filho de Antônio José de Melo e Sousa, tenente-coronel da Guarda Nacional e senhor de vários engenhos, e de Maria Emília Seabra de Melo e Sousa, filha de famílias tradicionais da região – nasceu em Nísia Floresta, no dia 24 de dezembro de 1867. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1889, pela Faculdade de Direito de Recife, colaborou em jornais e revistas, como a *Gazeta do Natal*, *A República*, *Almanaque do Rio Grande do Norte*, *Revista do Rio Grande do Norte* e *Diário de Natal*.

Segundo Cascudo (1939), o escritor, que foi governador do Rio Grande do Norte por duas vezes, tinha fama de conservador e tradicionalista, e era avesso a festas e a bailes. Celibatário e discreto em suas atitudes, as quais contradizem o estilo de vida exposto em seu romance, foi um político preocupado com a educação no estado e, durante seus dois mandatos, incentivou a criação de escolas.

No período em que foi governador, houve maior acesso das mulheres à educação, inclusive elas passaram a frequentar a escola na mesma proporção que os homens, e em alguns municípios, chegaram a superar o número de homens matriculados. No Grupo Escolar Antônio de Sousa, eram oferecidos cursos em que as mulheres aprendiam bordado, crochê, corte e costura, desta forma percebemos como as habilidades domésticas eram valorizadas pela sociedade. Aos 61 anos lançou seu primeiro romance, *Flor do Sertão* (1928) e *Gizinha*, nosso objeto de estudo, foi publicado em 1930.

O romance se passa em Natal, em 1927, período de grandes transformações na capital potiguar. *Gizinha*, diminutivo de *Adalgiza*, é a protagonista e, entre os personagens secundários, destacamos: seus pais, Aluísio e Regina, Renato, seu irmão, uma família burguesa que demonstrava costumes provincianos e os jovens Roberto Lima e Julinho Silveira. A protagonista é apresentada como uma moça ousada que, em pleno baile, beija o jovem Roberto Lima, deixando todos impressionados com aquela atitude, pois, naquele tempo, uma moça de família não poderia ter aquele comportamento. Seu pai ao receber uma carta pedindo a filha em casamento, ficou surpreso ao ver que o pretendente era Julinho Silveira e não Roberto Lima, o rapaz que *Gizinha* havia beijado no baile.

Gizinha é uma personagem plana com tendência a redonda, pois tem um grau médio de densidade psicológica, no entanto é uma personagem complexa em relação aos seus desejos e atitudes, visto no início do romance ela se apresentar como uma mulher ousada e moderna e, no final da narrativa, surpreender o leitor com atitudes de mulher submissa. Segundo Candido:

“[...]”, Tal personagem não se reduz totalmente à previsibilidade. Isso significa que suas ações podem, ainda que de maneira limitada, contrastar com sua caracterização psicológica-o que se pode vir a surpreender o leitor” (CANDIDO, 1976, p.39).

Julinho Silveira caracteriza-se como personagem redonda, pois há um alto grau de densidade psicológico, sendo imprevisível desde os primeiros capítulos, demonstrando ser um personagem conflituoso.

Regina também é uma personagem plana com tendência à redonda. Ela é a referência da filha com suas maneiras de se comportar e pensar e, ainda que ela demonstre também em certos momentos impetuosidade, não ultrapassa o limite que a condição social impõe. Azevedo é um personagem plano, com um baixo grau de densidade psicológico, e por mais conservador que seja, não consegue impor suas opiniões em seu lar, não surpreendendo o leitor; do início ao fim da narrativa, apresenta linearidade, não havendo nenhuma mudança em seu comportamento.

Nos anos 1920, a sociedade começava a despertar de forma mais efetiva para a educação feminina, embora muitos continuassem a pensar que a mulher não precisava estudar, já que só lhe competia ficar em casa cuidando dos filhos. Em *Gizinha*, vemos que já ocorrem mudanças, pois a protagonista, uma mulher moderna e melindrosa,

Arranjara uma fumaça de instrução, que lhe levaram à casa os melhores professores da terra, tocava como toda menina que tem piano, e odiava a cozinha pelo cuidado que lhe mereciam as mãos, de pele muito fina e unhas em ponta, que ela tratava, esfregava, polia durante uma boa meia hora diária, antes do almoço (FEITOSA, 2003, p. 24).

Seus trajes e suas decisões revelam uma mulher moderna, como o narrador descreve: “Adalgiza era um curioso tipo dessa categoria de meninas que a gíria das calçadas e das casas de chá do Rio chama ‘melindrosa’” (FEITOSA, 2003, p. 23). Sobre o comportamento de Gizinha, o narrador comenta:

Adalgiza principalmente atraía as atenções pelo contraste das atitudes com aquelas normais, que alguns dos mais velhos ainda julgavam exigidas pelo sexo, o estado civil e a educação. Ela exagerava quase inconscientemente, por uma espécie de perversão vinda antes do meio em que vivia, das conversas com amigas “adiantadas”, das fitas de cinema, cheias de abraços e de beijos, de estimulantes brutais, como são grande parte das modernas, [...] (FEITOSA, 2003, p.64).

As atitudes de moça moderna, que Gizinha tinha, deixavam os mais velhos chocados. Eles consideravam isso fruto, sobretudo, das influências estrangeiras que chegavam até Natal pelos filmes. Percebemos como a autoridade do pai sobre a educação e sobre as decisões tomadas em casa eram apenas figurativas, pois quem tinha o poder de decisão era sua mulher Regina, mesmo que a última palavra fosse sempre a de Azevedo.

[...] mole e pávido diante da vontade, ou dos caprichos da mulher, porque a amava e não dispunha doutro meio para obter que ela o tolerasse e vivesse em paz, [...] por amor da mulher, tivera, desde a infância da filha, de abdicar toda autoridade efetiva sobre ela (FEITOSA, 2003, p. 23).

O autor mostra um marido que “aceita os caprichos da esposa”, evidenciando, assim, de forma maliciosa, as atitudes de Regina. Com poder de decisão, quando o casamento de Gizinha é discutido, a mãe fala: “Mas quem vai casar não sou eu, é ela, que escolhe, lá terá as suas razões” (FEITOSA, 2003, p. 18).

Azevedo tinha o pensamento avesso a qualquer atitude que rompesse com os costumes tradicionais, embora acabasse aceitando a moda para a filha “não ficar atrás”. Retome-mos o diálogo entre os pais de Gizinha:

- Você é do tempo antigo – diz Regina rindo
 - Pois quero ser mesmo do tempo antigo, que ao menos havia mais seriedade e as mulheres andavam vestidas.
 - Já estava tardando a música... Se você fala todo dia nisso, porque não obriga sua filha a se vestir? Continuou ela em tom de troça.
 - Porque não quero que ela fique atrás das outras e fora da moda.
 - Pois então, meu amigo, não fale.
 - Falo é contra os exageros. Adalgiza anda com o vestido pelos joelhos, e por baixo só tem uma “combinação” que não esconde quase nada.
- Regina deu uma risada.
- Aliás, continuou Azevedo amuado, isto não admira, porque a mãe é a mesma coisa (FEITOSA, 2003, p. 18,19).

Azevedo não gosta das atitudes da mulher e da filha, mas as aceita, pois, como já vimos, é “mole”. O narrador mostra um homem fragilizado pelo amor que tem à mulher, aceitando as atitudes dela para agradá-la. A liberdade que Regina e Gizinha têm advém da fragilidade do pai.

Em relação aos namoros da filha, Regina fala: “Que tem isso? Naturalmente ela se arrependeu e passou para outro”. Gizinha pensa em “gozar a vida”, aproveitar enquanto solteira sem a preocupação de casar (FEITOSA, 2003, p. 17, 25).

Por uma conversa entre Regina e Gizinha, na qual ela aconselha a filha sobre o modo de tratar os homens, observamos a sutileza do sexo feminino em dominar as situações, como no trecho: “[...] nós devemos deixar-lhes a última palavra, não porque lhes reconhecamos a razão, mas porque eles estão persuadidos de tê-la e toda a discussão é inútil”. (FEITOSA, 2003, p. 187). Em conversas como essas, o narrador vai criando uma imagem negativa da mulher, expondo as táticas que elas usaram durante séculos para viver na sociedade patriarcal.

À mulher estava destinado o papel de mãe. Desse modo, era vista como um ser passivo e incapaz de autoafirmação, e era excluída da educação e do direito de participação social e política. No romance, há uma passagem em que o narrador tece comentários sobre a participação da mulher na política e considera isso um modismo. Ele comenta: “Elas se interessam pelos direitos políticos, alistam-se eleitoras e fazem discursos por moda. – Isto é, o título de eleitora é uma modalidade de vestidinhos [...]” (FEITOSA, 2003, p. 229).

Vale lembrar que a participação da mulher na política brasileira, ocorreu em primeiro lugar no Rio Grande do Norte. Juvenal Lamartine, quando foi governador, incluiu “na

legislação do Estado do Rio Grande do Norte um dispositivo estabelecendo igualdade de direitos políticos para os dois sexos.” (SOIHET, 2000, p.103). E, em abril de 1928, ano da publicação do romance, José Augusto Bezerra de Medeiros, candidato ao Senado, foi o primeiro brasileiro a receber o voto feminino (CARDOSO, 2000, p. 452). Nesse período, Alzira Soriano foi eleita prefeita de Lajes, tendo sido a primeira mulher na América Latina a administrar um município.

Polycarpo Feitosa talvez pretenda neste romance atrair a atenção da sociedade para uma nova mulher que surgia, e percebemos que existe uma crítica ao descrever essas mulheres ousadas. Ele mostra ao leitor que a mulher, ao ter desejos e preferências, estaria infringindo a tradição patriarcal. Ele enfatiza isso, no início do romance, quando Regina se sente atraída por Fernando, um jovem de dezesseis anos, filho de um amigo de Azevedo, que viera morar em sua casa para estudar. Regina despertou no rapaz desejos sensuais e ela, por sua vez, também se sente atraída pelo rapaz e orgulhosa por despertar esse interesse, mas, como mulher honesta, não transpõe os limites. Comprendemos que a o pensamento dominante é patriarcal, no qual as mulheres eram educadas para que os homens fossem o senhor, a quem elas deviam obediência.

Gizinha, aparentemente, é uma transgressora, pois ela, inicialmente, tem atitudes ousadas que chocam a sociedade natalense. No entanto, ela acaba seguindo os padrões sociais e abdicando dos seus desejos. Casada, percebeu que o seu casamento não era o que ela esperava, decepcionando-se com o marido, mas aceitando essa situação.

Passado na *Belle Époque*, período marcado pela influência da cultura francesa, segundo Gurgel “[...] esse período, com toda sua riqueza e sobremaneiras, chegou a Natal de forma inauguradora, atuando sobre costumes e modos de ver e ser da vida provinciana” (2009, p. 21); ou seja, foi uma época marcada pela mudança de comportamento social. Isso pode ser observado, quando vemos a caracterização de Gizinha: roupas curtas, transparentes, “[...] apenas sobre uma fina “combinação” de tafetá róseo, ela estava tão pouco vestida quanto podia permitir, [...]”. (2003, p.61) e corte de cabelo à “La homme”, isso numa pacata Natal que ainda não absorvera a moda francesa.

Há um discurso emanado através do corpo que pode ser visto como manifestação de códigos sociais e representações de uma nova identidade cultural que surgira para as mulheres natalenses e que é condenado pelo narrador, como podemos ver no desfecho da narrativa, dado que Gizinha termina mal amada e acaba viúva.

Relacionando esse final com o que sabemos sobre o pensamento conservador do autor, entendemos que Feitosa pune Gizinha com o sofrimento da morte do marido a quem ela já se tornara indiferente, construindo um romance que expressa um pensamento patriarcal, com um final ao gosto do realismo do século XIX em que as mulheres desobedientes eram punidas.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009.

CARDOSO, Rejane (coord.). **400 nomes de Natal**. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

CASCUDO, Câmara. **Governo do Rio Grande do Norte**. Natal: Livraria Cosmopolita, 1939.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de (Org.). **Literatura do Rio Grande do Norte: Antologia**. Natal: Fundação José Augusto, 2001.

DIAS, Eliane Moreira. PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. **A educação da mulher no Rio Grande do Norte na década de 1920, através dos romances de Antônio de Souza**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0512.pdf>> Acesso em: 06. Nov.2011.

FEITOSA, Polycarpo. **Gizinha**. 3.ed. Natal: A. S. Editores, 2003.

GURGEL, Tarcísio. **Belle époque na esquina: o que se passou na república das letras potiguar**. Natal: Ed. do Autor, 2009.

SOIHET, Raquel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminina de Berth Lutz. **Revista brasileira de educação**. Rio de Janeiro: UFF, n. 15, p. 97 117, set./out./Nov./dez, 2000.